

Apresentação

Dossiê Crise da Criatividade A comunicação entre sabedoria e inteligência artificial

Soraya Guimarães Hoepfner¹

DOI: [10.31501/esf.v2i30.15220](https://doi.org/10.31501/esf.v2i30.15220)

A ideia de que vivemos uma crise, ou seja, a própria crise, é tão antiga e tão essencialmente constitutiva do pensamento ocidental, que compreendê-la na sua essencialidade é um ato libertário do pensamento e passo decisivo para a compreensão de nós mesmos enquanto sociedade. Pensar o hoje livremente, desde sua origem (o ponto de partida que lhe atribuímos, que, no nosso caso, parece ser a sua origem mitológica com os gregos), deve, portanto, começar ou se apoiar numa reflexão que entende o sentido de crise a cada crise que vivemos.

Esta edição da Revista Esferas teve como principal objetivo, que acreditamos ter sido alcançado, apresentar à comunidade científica um panorama atual, um recorte prismático, do que pensam e com o que se ocupam as pesquisas em comunicação em torno da questão mais ampla das consequências e desdobramentos da inteligência artificial nos fazeres da comunicação. Nas páginas ou telas a seguir, temos uma amostra reveladora e relevante desse recorte, expresso na riqueza e diversidade de associações e correntes de pensamento e filiações intelectuais dos artigos apresentados.

Ao reunir as mais diversas perspectivas no campo dos estudos da mídia e humanidades sobre o advento da inteligência artificial, há uma decisão editorial de viés de diálogo fortemente alinhada a um

¹ Doutora, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil. soraya.hoepfner@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-9958-818X>

determinado pensador contemporâneo que pode servir de inspiração para uma atitude libertária do pensamento: o filósofo francês Jean-Luc Nancy (1940-2021), o pensador da comunidade, do corpo, do toque enquanto contato – da comunicação, mas também pensador do sentido e do sentido de crise, que por tantas vezes ele tematizou a partir do ressoar e irmandade etimológica na sua língua nativa das palavras: crise, crítica, grito, escrita, criação. Por essa razão precisa, a presente edição se inicia apresentando a tradução de duas conferências, extraídas de um evento internacional recente, sediado em Berlim no último mês de março, e dedicado à reflexão do pensamento Nanciniano. O valor dessas contribuições específicas para a discussão em pauta está na oferta de uma base filosófica extremamente oportuna para a questão do saber e do criativo em relação à inteligência da máquina.

Por um lado, em *“Disrompendo a automação”*, Marcia Schuback nos ajuda a compreender o *auto* da automação, o princípio mais elementar que precisamos ter em mente se quisermos abordar com verdadeira consciência filosófica as artimanhas da inteligência autônoma da máquina. Por outro, em *“A inteligência artificial do sentido”*, Erich Hörl nos oferece, novamente com Nancy, um caminho para compreender o que significa criatividade, libertada pela compreensão histórica da crise do sentido, pelo entendimento do sentido de técnica, mas sobretudo pelo entendimento do caráter essencial de inoperância de Nancy, que pode nos servir para descolar o criativo do humano.

Partindo para o campo de notório saber das ciências aplicadas, seguem-se outras duas apropriadas contribuições convidadas de professores pesquisadores no campo da comunicação e da sociologia: em *“IA generativa e remixagem”*, David Gunkel, inspirado numa máxima ontológica deleuziana, introduz de maneira elucidativa a distinção fundamental no *modus operandi* da criatividade da IA, observando como essa recupera na repetição do princípio de *sampleamento* da *remixagem* a diferença denominada como *spawning*. Michiel Baas, em *“Inteligência artificial e a questão da criatividade”*, explora na

dualidade do processo criativo do artista indiano Harshit Agrawal, o próprio caráter operante da imaginação no chamado arquivo sociocultural da IA e sua memória imaginante.

Em seguida, apresentamos os oito artigos aprovados pela revisão duplo cega feita por pares da comunidade acadêmica, aos quais a editoria expressa sua enorme gratidão. Os trabalhos foram dispostos numa determinada ordem, partindo do universal ao mais particular no que concernem os objetos de investigação, começando com uma análise das transformações na dinâmica do mercado informacional hiperconectado no fazer publicitário, dos pesquisadores Maria Alice Nogueira e Luciano Olivieri.

Na sequência são apresentados quatro estudos desenvolvidos a partir de análises meios, respectivamente nas plataformas ChatGPT, Instagram, Netflix e Spotify. Em “*O Mito à luz das inteligências artificiais*”, Andriolli Costa e Rafael Malhado exploram as limitações e limites do criativo, ao experimentar com a manipulação ‘(de)’formadora da narrativa mitológica pelo ChatGPT. Em “*A construção da curadoria de notícias no Instagram*”, Amanda Ferreira, Cristiano Pinheiro e Vanessa Valiati analisam o impacto do comportamento preditivo do algoritmo nas práticas jornalísticas atuais relacionadas ao consumo incidental de notícias nessa plataforma específica de mídia social. Em “*O mercado da nostalgia na era do capitalismo big data*”, Letícia Capanema e Luiz Alberto Gonçalves discutem as consequências do caráter retroalimentativo da informação das práticas de mineração de dados sob a produção de conteúdo criativo e narrativas filmográficas. Fechando as discussões focadas em meios, a influência da automação no mercado fonográfico e nos comportamentos de consumo de música são o tema do artigo “O imaginário algoritmo do consumo de música”, da pesquisadora Alessandra Marassi.

Na sequência, são apresentados por sua vez três artigos focados na investigação de peças midiáticas específicas no campo das artes visuais e do cinema. Em *“Invisible e a resistência à crise criativa nas expressões artísticas geradas pela IA”*, Denise Carvalho tem como ponto de partida a obra da artista senegalesa Linda Dounia para discutir as possibilidades de criação artística habilitada pela inteligência artificial na interação humano-máquina. Leonardo Costa e Regiano Ribeiro em *“Inovação tecnológica, arte e os limites criativos da IA na série Pluto”* performam uma análise crítica da narrativa para questionar a ideia de autonomia criativa da IA. Por fim, em *“O contra-ataque das máquinas”*, Isadora Rodrigues tem como ponto de partida o filme *Possessor* para analisar a relação cérebro-máquina na questão da memória, no contexto audiovisual contemporâneo.

Na seção Visualidades, visitamos alguma peças do estudo que deu origem à exposição artística *Marginalia*, na qual a designer gráfica e acadêmica Anja Lutz disseca páginas de layout de livros arte por ela diagramados ao longo da sua carreira para revelar no vazio deixado pela extirpação dos elementos de conteúdo, o próprio caráter do design gráfico como conteúdo. Essa exposição das relações espaciais esvaziadas expõe dentre outras reflexões, as discussões sobre o caráter desse ofício, e como o design como conteúdo está igualmente sujeito (ou ameaçado) pelos prompts da inteligência artificial.

Aos colaboradores deste volume, que gentilmente submeteram seus trabalhos ou cederam suas contribuições e compartilharam conosco e com a comunidade científica perspectivas diversas e valiosas para pensar o nosso hoje, meu sincero agradecimento, estendido à Comissão Editorial permanente da Revista Esferas, pelo convite para a composição temática que espero ser útil aos estudos da comunicação no Brasil e no mundo.